

O LUGAR DA SANFONA

Eles têm Luiz Gonzaga como principal referência. E, mais que isso, vivenciam a mesma relação de paixão pela sanfona. Um deles chega a citar declaração do mestre para falar da relação com o instrumento. “Se você puder dormir com a sanfona dentro da rede, é ainda melhor”. Esses são os “velhos sanfoneiros”, como os denominou a socióloga Sulamita Vieira.

Simplesmente tocadores ou profissionais, os velhos sanfoneiros geralmente não estão ligados a grupos musicais. Quando muito, são acompanhados por zabumba, pandeiro e triângulo. Podem até nem viver da música; mas, estão marcados pela tradição, quase sempre passada de pai para filho, de contar histórias com a musicalidade da concertina, pé-de-bode, acordeão, oito baixos ou sanfona, como o instrumento é mais conhecido.

Os primeiros contatos de Sulamita Vieira com o universo dos velhos sanfoneiros, em termos de investigação social, ocorreram durante sua pesquisa sobre as representações do sertão na música de Luiz Gonzaga, no início dos anos 1990. Após concluir aquele trabalho, deparou-se com a seguinte questão: a música de Luiz Gonzaga continua? Ela afirma que sim. Seja com ele mesmo, nas composições e gravações deixadas, seja por meio daqueles que seguem seu estilo.

Durante a realização de palestra na abertura da exposição fotográfica de Francisco Sousa sobre velhos sanfoneiros, no Museu do Ceará, em setembro de 2006, a pesquisadora recebeu a sugestão de escrever um livro sobre o tema. A idéia foi posta pelo professor do Departamento de Comunicação Social da UFC, Gilmar de Carvalho, e pelo diretor do Museu do Ceará e professor do Departamento de História da UFC, Régis Lopes.

O livro *Velhos Sanfoneiros*, título da coleção

De: Sulamita Vieira. *Velhos sanfoneiros*

Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

Por: ANA CESALTINA BARBOSA MARQUES

Jornalista, especialista em Antropologia e Mundos Contemporâneos, pela Universidade Católica de Brasília. Professora, vinculada ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará.

Outras Histórias, editada pelo Museu do Ceará, da Secretaria da Cultura do Ceará, foi lançado em dezembro daquele ano e resulta de uma investigação em curso. Nele, Sulamita Vieira divide com o leitor parte das narrativas que encontrou nas conversas com sanfoneiros em aproximadamente três anos de pesquisa. Ao ouvi-los, a pesqui-

sadora investiga, entre outras questões, qual o lugar dos velhos sanfoneiros na sociedade brasileira.

Alguns falam dos “bons tempos” em que a sanfona gozava de muito prestígio, fruto principalmente do trabalho de Luiz Gonzaga, que se consagrou como “Rei do Baião”, entre as décadas de 1940 e 50. Assim fez-se uma escola, registra o estudo, “com um estilo musical cujo repertório inclui basicamente xote, marchinha junina, baião e mazurca”. Nesse contexto, a sanfona ocupava função protagonista nas apresentações musicais, fossem em festas de noivado, casamento ou batizado, animação de cabarés, feiras, vaquejadas, ou mesmo nas apresentações do Rei do Baião pelo sul do País.

Hoje, a sanfona e o sanfoneiro se articulam com outros elementos do mundo da música, assumem outras funções e, ao mesmo tempo, mantêm elementos da tradição. É observando o lugar do sanfoneiro nas bandas de forró, por exemplo, onde ele deixa de ser personagem central, que Sulamita Vieira identifica um “deslocamento de imagem”, decorrente de novas combinações, próprias da dinâmica da cultura.

“Os grupos se apropriam de fazeres anteriores e de contemporâneos a eles. Vão assim se reinterpretando. São impressos outros significados a artefatos, valores e símbolos. No campo da música, são introduzidos outros elementos musicais, outros ritmos, a combinação dos instrumentos é organizada de outro modo”, explica. A pesquisadora lembra que, como outros músicos, o próprio Luiz Gonzaga não partiu do

zero. “Tocava sanfona, que nem brasileira é, e depois foi buscar zabumba, triângulo e pandeiro para tocar baião, uma linguagem nova”.

Com essa compreensão, e ao identificar diferenças entre os universos dos velhos sanfoneiros e das bandas de forró, Sulamita Vieira declara-se otimista em relação às possibilidades de permanência ou continuidade da tradição. Ela os identifica como fenômenos diferentes, impossíveis de serem comparados. Muito menos pertinente seria falar em substituição de um pelo outro, argumenta.

O estudo mostra também uma dimensão social incorporada pelos sanfoneiros. Ao produzirem e difundirem uma cultura, eles contribuem para a consolidação de identidades. A autora lembra, por exemplo, a presença do que atualmente se designa “forró pé-de-serra”. Na tradição dos velhos sanfoneiros, as músicas contam histórias. E seus elementos e significados têm a capacidade de agregar pessoas e grupos sociais, gerando múltiplos processos interativos. Outro aspecto da tradição é o domínio técnico sobre o instrumento, em geral transmitido por membros da família, mesmo sem o estudo formal de música.

São as biografias registradas na pesquisa que revelam peculiaridades do cotidiano dos velhos sanfoneiros. Sobre a arte que vem de longe: “olhe, eu era bem miudim; eu roubava a sanfona do meu pai. Depois, eu comecei a tocar mais ele, nas festa”, contou o sanfoneiro paraibano Môzo da Ambulância, em entrevista concedida à autora. Sobre a conciliação entre a arte e o trabalho que garante a subsistência – “a atividade deles era a roça e a música” –, Zé Viana, um outro entrevistado, lembra a rotina do pai e dos tios, em décadas passadas, no sertão do Ceará. Sobre o mercado musical: “por mais de um ano, toquei, com licença da palavra, nas boites. Naquela época, a gente só arranjava pra tocar, na noite, assim nos cabarês”, disse outro cearense, Tonicão de Sobral, que, tempos depois, fez apresentações musicais nos Estados Unidos, na Itália, em Portugal e na Espanha.

Ao adentrar no universo da sanfona, a autora convida o leitor a passear também pelos caminhos das definições de termos e expressões relativos a instrumentos e gêneros musicais. Estão lá enunciados sobre acordeão, concertina, sanfona, triângulo, pandeiro e zabumba, resultado de pesquisa em dicionários

especializados. Constatam também definições para arrasta-pé, baião, forrobodó, marcha, mazurca e schottische. A leitura das definições indica as origens das práticas culturais, mostrando que o mundo da sanfona está relacionado, por diferentes caminhos, com outros mundos.

A palavra escocesa “schottische”, por exemplo, foi aportuguesada para fazer referência ao nosso xote, ou xótis. Originalmente, dá nome a uma dança de roda como a polca, porém mais lenta. Por volta de 1850, época do Império, o estilo alcançou sucesso no Brasil. Um dicionário citado diz: “abrasileirou-se a tal ponto que no Nordeste brasileiro, executado por sanfonas em bailes populares, mudou o nome para ‘xótis’”.

A autora observa a limitação da bibliografia. E indica as lacunas. Em algumas publicações brasileiras, Luiz Gonzaga não constitui verbete, porém, constam nomes da música européia. Se esses dicionários especializados se propõem a apresentar as palavras próprias da língua falada pela nação, a autora questiona de que nação estão falando. Os conceitos e as palavras estão associados a determinados lugares sociais, explica. E as definições encontradas se mostram pouco flexíveis, não dando conta das variações e da diversidade de apropriações existentes.

A pesquisa de Sulamita Vieira continua com a realização de novos registros biográficos de velhos sanfoneiros, de suas relações com as festas, com a música, com as heranças musicais de antepassados. O estímulo para seguir está em seu interesse pela dinâmica da cultura, guiado pela trilha sonora do sertão. A autora também publicou, em 2000, *O sertão em movimento: a dinâmica da produção cultural*, editado pela Annablume.